

20 anos



Plano de Actividades 2018





## 01. Retrospectiva 2017

|  |   |
|--|---|
| 01.01.01 Douglas Sirk, Imitação da Vida  | 4 |
| 01.01.02 Autor Autor: Patricio Gusmán  | 5 |
| 01.01.03 sessão com a presença dos realizadores: João Canijo, Diogo Costa Amarante | 6 |
| 01.01.04 Cinema Paraíso: Parque da Devesa / Pedome / Vilarinho das Cambas          | 7 |
| 01.02. Sessões Semanais  | 8 |

## 02. Plano de Actividades 2018

|  |    |
|--|----|
| 02.01.01 Mizoguchi, Tragédias na Idade de Ouro do Cinema Japonês                     | 14 |
| 02.01.02 Eisenstein, da Propaganda à Alegoria  | 16 |
| 02.01.03 TATI integral no Verão  | 18 |
| 02.02. Programação Semanal de Cinema de Autor  | 20 |
| 02.03. Rede de Exibição Alternativa – R.E.A. / I.C.A.                                | 21 |
| 02.04. Já Não Há Cinéfilos?!   | 22 |
| 02.05. Autor Autor: Jacques Demy / Edgar Reitz                                       | 23 |
| 02.06. o Cinema Português em Debate  | 24 |
| 02.07. 20 Anos a Dar a Ver Cinema: 20 Anos de Parcerias                              | 25 |
| 02.08. Cinema para as Escolas  | 26 |
| 02.09. Cinema Paraíso _ sessões de cinema ao ar livre, uma itinerância por Famalicão | 27 |
| 02.10. O Homem da Câmara de Filmar   | 28 |
| 02.11. Página na Internet  | 29 |
| 02.12. Edição do Boletim Mensal  | 29 |

## 03. Orçamento 2018

31

# Cineclube de Joane / PLANO DE ACTIVIDADES 2018

## 01 – RETROSPECTIVA 2017



### 01. Retrospectiva 2017

01.01.01 Douglas Sirk, *Imitação da Vida*

01.01.02 Autor Autor: **Patricio Gusmán**

01.01.03 sessão com a presença dos realizadores: **João Canijo, Diogo Costa Amarante**

01.01.04 Cinema **Paraíso**: **Parque da Devesa / Pedome / Vilarinho das Cambas**

01.02. **Sessões Semanais**

## DOUGLAS SIRK, IMITAÇÃO DA VIDA

(Já Não Há Cinéfilos?!, de Abril a Junho de 2017)

### Sublime Expição de Douglas Sirk

**Magnificent Obsession** (1953) "Sublime Expição" é uma adaptação do "best-seller" de Lloyd Douglas, depois da primeira realizada por John M. Stahl em 1935, que fez de Rock Hudson uma estrela do cinema. O filme foi um enorme sucesso do célebre Douglas Sirk. Trata-se de um melodrama que conta uma história de amor entre uma cega (Jane Wyman) e Bob Merrick (Rock Hudson), um "playboy" milionário. Merrick foi, indirectamente, o responsável pela morte do marido de Helen Phillips e pela sua cegueira. Quando toma consciência de que o falecido Wayne Phillips, um médico conhecido pelas suas boas acções, morreu por sua causa e de que está apaixonado pela sua viúva, Merrick tenta emendar a sua vida e volta a estudar medicina. Jane Wyman foi nomeada para o Óscar de melhor actriz em 1955.



### O Que o Céu Permite de Douglas Sirk

**All That Heaven Allows** (1955) O enorme êxito de bilheteira de "Magnificent Obsession" suscitou este filme com o mesmo par de actores e o mesmo grau de artificialismo. Desta vez, Jane Wyman é uma viúva ainda jovem, numa pequena cidade da Nova Inglaterra, e Rock Hudson é um jardineiro, cerca de quinze anos mais jovem.

No jardim dela floresce uma "árvore do amor"... Os habitantes da cidade e os filhos da mulher opõem-se com vigor à ideia do casamento entre ela e o jardineiro. Mas o amor acaba por triunfar, com o happy end a adquirir contornos irónicos.

[Cinemateca Portuguesa]



### Tempo para Amar e Tempo para Morrer de Douglas Sirk

**A Time to Love and a Time to Die** (1958) Baseado num romance de Erich Maria Remarque, que tem no filme um breve papel, esta é a obra que assinala o regresso provisório de Sirk à Alemanha, numa tentativa de compreender, do interior, as consequências da guerra sobre os indivíduos. Na fase final da guerra, um soldado alemão vem em licença da frente do Leste, encontra a casa dos seus pais destruída e não sabe do paradeiro deles. Tem então um breve e impossível idílio com uma amiga de infância. Fassbinder escreveu a propósito deste filme: "No livro de Remarque, sem a guerra, o amor seria eterno. No filme de Sirk, sem a guerra não haveria amor nenhum."

[Cinemateca Portuguesa]



## 2 x PATRICIO GUSMÁN: Nostalgia da Luz + O Botão de Nácar (Autor Autor, Abril de 2017)

### Universais em particular

Jorge Mourinha, Público de 18 de Fevereiro de 2016

Dois ensaios sobre a geografia da memória que transcendem o simples documentário: **Nostalgia da Luz** e **O Botão de Nácar**

Faz todo o sentido que estes dois filmes do mestre chileno Patricio Guzmán - ensaios que utilizam a forma do documentário mas a transcendem - estreiem juntos, apesar dos cinco anos de intervalo entre ambos. Estamos perante obras gêmeas, complementares, que olham de dois pontos de vista diferentes para uma mesma nação que se construiu praticamente de costas para a sua própria geografia, sempre a partir de um universo maior, e nesse movimento de partir do “infinitamente grande” para o “infinitamente pequeno” revelam como a própria história do país é literalmente dividida pela ruptura do golpe de estado que depôs Allende e instaurou o regime de Pinochet.

Em **Nostalgia da Luz** é o deserto de Atacama e as suas características únicas para a astronomia e para a investigação do espaço sideral que serve de ponto de partida; **O Botão de Nácar** parte da história das tribos indígenas costeiras que viviam da enorme costa marítima chilena e que foram paulatinamente extinguidas por uma colonização ocidental que não foi capaz de compreender a chave do futuro que estava a deitar fora. São duas facetas de um mesmo diálogo sobre a memória histórica, entendida como uma forma de arqueologia infinitamente curiosa, mas a vantagem vai em nosso entender para **Nostalgia da Luz**, mais elegante formalmente e narrativamente mais conseguido que **O Botão de Nácar**.

### NOSTALGIA DA LUZ

Nostalgia de la luz (França, Alemanha, Chile, Espanha, EUA / 2010)

**sinopse** O deserto de Atacama localiza-se na região norte do Chile até à fronteira com o Peru. A 3000 metros de altitude e com cerca de 1000 quilómetros de extensão, é considerado o deserto mais alto e mais árido do Mundo, com níveis de precipitação próximos do zero. Por causa disso, o solo de Atacama é comparado a Marte. As temperaturas variam entre os 0° C à noite os 40° C durante o dia. Devido à sua altitude, nuvens quase inexistentes, ar seco e falta de poluição luminosa, este é um dos melhores lugares do Mundo para a observação astronómica e é lá que muitos cientistas procuram vida extraterrestre e tentam perceber os enigmas do Universo. Mas também é no deserto de Atacama que algumas mulheres procuram os restos mortais de familiares perdidos: exploradores, mineiros, índios ou prisioneiros políticos da ditadura de Pinochet... **Estreado em 2010 no Festival de Cinema de Cannes, um documentário que conta com realização, argumento e narração do chileno Patricio Guzmán.**



### O BOTÃO DE NÁCAR

El Botón de Nácar (Chile, França, Espanha / 2015)

**sinopse** Cinco anos depois da estreia de “Nostalgia da Luz”, um documentário sobre o deserto de Atacama numa associação à história recente do Chile, o realizador Patricio Guzmán regressa com “O Botão de Nácar”. Com 2670 milhas de costa e paisagens espectaculares, o Chile contém o maior arquipélago do planeta Terra. Agora, voltando a usar a geografia chilena como pano de fundo, este filme fala-nos da importância dos oceanos, onde se ouvem as vozes dos primeiros indígenas da Patagónia, dos primeiros colonos ingleses ou dos prisioneiros políticos da ditadura de Augusto Pinochet (que durou quase duas décadas, entre 1973 e 1990). **Festival de Berlim - Urso de Prata Melhor Argumento**



### **FÁTIMA** de João Canijo (com a presença do realizador, Junho de 2017)

Nota de Intenções de João Canijo: O que se pretendeu com todo este trabalho foi que as atrizes, que são todas atrizes profissionais, fossem confundidas com pessoas reais, com personagens de um documentário. A intenção deste projecto foi, usando como pano de fundo imagético uma viagem pelo interior da paisagem natural, patrimonial e mental de Portugal, concentrar-se na manifestação mais profunda das crenças e práticas religiosas portuguesas, expondo e tratando assim o mais sagrado e intocável na mentalidade nacional, com todas as suas contradições e complexidades que a história e a realidade contemporânea enriquecem e complexificam.



### **CIDADE PEQUENA** de Diogo Costa Amarante (\*) (com a presença do realizador, Dezembro de 2017)

Cidade Pequena é a história de um “belo adormecido”, a criança que começamos por ver deitada a toda a extensão horizontal do enquadramento e que voltaremos a ver inúmeras vezes, quase sempre de olhos fechados. Como, por exemplo, no mais notável plano do filme de Costa Amarante, espécie de bailado feito de uma harmonia entre humanos e a natureza, com a ajuda da arte do enquadramento que o cinema também é (e que o realizador domina muito bem): um interior dum carro, um espelho retrovisor (no qual se reflecte o rosto adormecido da criança, no banco de trás), à frente uma árvore, vegetação, uma vaca, uma mulher, e dois GNR que dançam ao som duma canção, Words (F.R. David), do princípio dos anos 80.



Será a recomposição onírica e obliquamente memorialista (o texto da voz off, ou certos fragmentos) da infância numa “cidade pequena” e noutra tempo, um interior português que o cinema tem tendência a descobrir como um caleidoscópio feérico (veremos também carrocéis de feira e foguetes a rebentarem contra um céu nocturno) e um reservatório inesgotável de uma natureza vitalista (os muitos planos com animais e animaizinhos), antes de tudo aparentemente voltar, embora sempre sob o signo do son(h)o, à “cidade grande”, na forma do edifício moderno que vem ocupar os últimos instantes do filme. Mas a presença da natureza, de resto, vem reforçar a dimensão sensual de Cidade Pequena, sobretudo pela sua finta a um “impressionismo” muito partie de campagne que nalguns momentos (aqueles planos com as janelas a criarem enquadramentos dentro do enquadramento) parece mesmo uma vénia a Renoir.

*Luis Miguel Oliveira, Publico*

(\*) filme exibido no dia 21 de Dezembro em conjunto com as curtas-metragens *Coelho Mau* de Carlos Conceição e *Farpões Baldios* de Marta Mateus



**PEDOME**  
Adro da Igreja

**16.Jul**  
**MILAGRE NO RIO HUDSON**

**VILARINHO DAS CAMBAS**  
Adro da Igreja

**23.Jul**  
**ALIADOS**

**FAMALICÃO**  
Parque da Devesa

**12.Jul** **A OVELHA CHONÉ**  
**O FILME**

**19.Jul** **O PRIMEIRO**  
**ENCONTRO**

**2.Ago** **OZZY**

**9.Ago** **A GRANDE MURALHA**

**16.Ago** **ELEMENTOS**  
**SECRETOS**

22h00, entrada livre

[www.cineclubejoane.org](http://www.cineclubejoane.org)  
[correio@cineclubejoane.org](mailto:correio@cineclubejoane.org)

**23.Ago** **O ESPAÇO QUE**  
**NOS UNE**



JANEIRO

5 REA



**TESOURO**  
Corneliu Porumboiu

12 REA



**PELA RAINHA**  
John Boorman

19 REA



**ELA**  
Paul Verhoeven

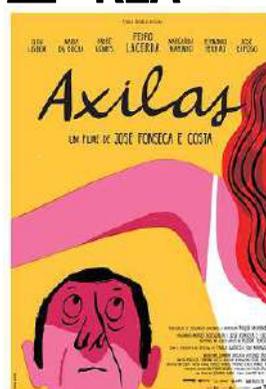
26 REA



**AS MEMÓRIAS DE MARNIE**  
Hiromasa Yonebayashi

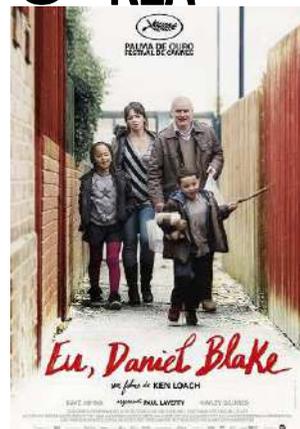
FEVEREIRO

2 REA



**AXILAS**  
José Fonseca e Costa

9 REA



**EU, DANIEL BLAKE**  
Ken Loach

14 REA



**A DUPLA VIDA DE VERONIQUE**  
Krzysztof Kieslowski

16 REA



**VERMELHO**  
Krzysztof Kieslowski

23 REA



**CHEVALIER**  
Athina Rachel Tsangari

Março

2 REA



NA VIA LÁCTEA  
Emir Kusturica

9 REA



SE AS MONTANHAS SE AFASTAM  
Jia Zhang-ke

16 REA



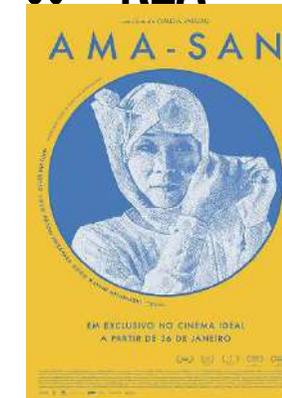
OS BELOS DIAS DE ARANJUEZ  
Wim Wenders

23 REA



HOMENZINHOS  
Ira Sachs

30 REA



AMA-SAN  
Cláudia Varejão

Abril

6 REA



A MORTE DE LUIS XIV  
Albert Serra

autor autor  
11 REA 13



Patricio Gusmán x 2

18 JNHC?!



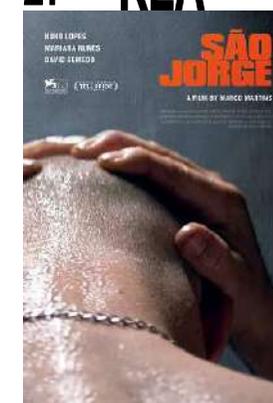
SUBLIME EXPIAÇÃO  
Douglas Sirk

20 REA



O VENDEDOR  
Asghar Farhadi

27 REA



SÃO JORGE  
Marco Martins

Maio

4 REA



**AQUARIUS**  
Kleber Mendonça

11 REA



**STEFAN ZWEIF-ADEUS EUROPA**  
Maria Schrader

18 REA



**JACKIE**  
Pablo Larrain

23 JNHC?!



**O QUE O CÉU PERMITE**  
Douglas Sirk

25 REA



**TONI ERDMANN**  
Maren Ade

Junho

1

extensão  
IndieLisboa



**GOLDEN EXITS**  
Alex Ross Perry

8 REA



**PAULA REGO, HISTÓRIAS E SEGREDOS**  
Nick Willing

13 JNHC?!



**TEMPO PARA AMAR, TEMPO PARA MORRER**  
Douglas Sirk

15 REA



**SUSPIRIA**  
Dario Argento

22 REA



**FÁTIMA**  
João Canijo

29 REA



**SÍTIO CERTO, HISTÓRIA ERRADA**  
Hong Sang-soo

Setembro

7 REA



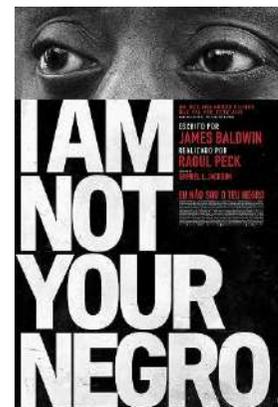
**ELES VOLTAM**  
Marcelo Lordello

14 REA



**PATERSON**  
Jim Jarmusch

21 REA



**I AM NOT YOUR NEGRO**  
EU NÃO SOU O TEU NEGRO  
Raoul Peck

28 REA



**MA LOUTE**  
Bruno Dumont

Outubro

5 REA



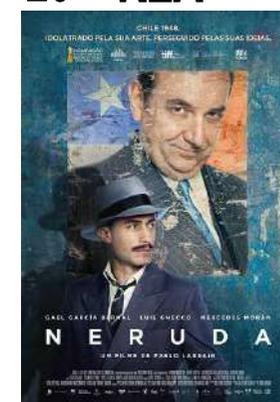
**A CIDADE PERDIDA DE Z**  
James Gray

12 REA



**MÃE ROSA**  
Brillante Mendoza

26 REA



**NERUDA**  
Pablo Larraín

Novembro

2 REA



A VIDA DE UMA MULHER  
Stéphane Brizé

9 REA



COMO CÃES SELVAGENS  
Paul Schrader

16 REA



PAUL  
Marcelo Féliz



ALAIN FOURNIER  
em parceria com o binnar

23 REA



GOOD TIME  
Ben e Josh Safdie

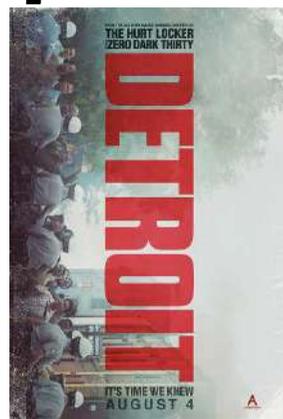
30 REA



A FÁBRICA DE NADA  
Pedro Pinho

Dezembro

7 REA



DETROIT  
Kathryn Bigelow

14 REA



O OUTRO LADO DA ESPERANÇA  
Aki Kaurismäki

21 REA



TRES NOVAS CURTAS PORTUGUESAS

CIDADE PEQUENA  
Diogo Costa Amarante

COELHO MAU  
Carlos Conceição

FARPÕES BALDIOS  
Marta Mateus

# Cineclube de Joane / PLANO DE ACTIVIDADES 2018

## 02 – PLANO DE ACTIVIDADES – TEXTO



02.01.01 **Mizoguchi, Tragédias na Idade de Ouro do Cinema Japonês**

02.01.02 **Eisenstein, da Propaganda à Alegoria**

02.01.03 **TATI integral no Verão**

02.02. **Programação Semanal de Cinema de Autor**

02.03. **Rede de Exibição Alternativa – R.E.A. / I.C.A.**

02.04. **Já Não Há Cinéfilos?!**

02.05. **Autor Autor: Jacques Demy / Edgar Reitz**

02.06. **o Cinema Português em Debate**

02.07. **20 Anos a Dar a Ver Cinema: 20 Anos de Parcerias**

02.08. **Cinema para as Escolas**

02.09. **Cinema Paraíso \_ sessões de cinema ao ar livre, uma itinerância por Famalicão**

02.10. **O Homem da Câmara de Filmar**

02.11. **Página na Internet**

02.12. **Edição do Boletim Mensal**

### 02.01.01 – MIZOGUCHI, Tragédias na Idade de Ouro do Cinema Japonês

A obra de Kenji Mizoguchi, nascido em Tóquio na altura em que a cinematografia chega ao Japão, conta por si só uma história do cinema, do mudo ao sonoro, do preto e branco à cor, das produções em série dos grandes estúdios japoneses à política dos autores. É no início dos anos cinquenta que a Europa descobre os seus filmes que alcançam verdadeiros triunfos no Festival de Veneza: **A Vida de O' Haru**, **Contos da Lua Vaga**, **O Intendente Sansho**. Mizoguchi, que começou nos anos 20, conta já com mais de setenta filmes no seu reportório e, mesmo que uma boa parte deles tenha desaparecido, o público que nutre já uma admiração sem precedentes pelo cinema japonês vai agora poder aceder a um verdadeiro tesouro da sétima arte. Embora a filmografia de Mizoguchi se encontre profundamente enraizada na cultura e na história do Japão, atinge uma amplitude universal que ultrapassa o exotismo orientalista. Mizoguchi conjuga no seu trabalho de realização as contingências do seu país e do seu tempo, os códigos dos géneros que ele aborda (o policial, o melodrama, ou o filme de época), com uma visão humanista de uma força incomparável. É sem dúvida o cineasta que desenhou os mais belos retratos de mulheres traídas, desacreditadas e humilhadas pelos homens.

*Noel Simsolo, historiador de cinema*

#### **A Senhora Oyu** (*Oyu-Sama*, Japão, 1951)

"Oyu-Sama" é uma adaptação de um romance de Jun'ichiro Tanizaki ambientado na época Meiji, em cuja reconstituição, no plano estético, Mizoguchi apostou muito. A história narra mais um triângulo amoroso, mas desta vez com uma peculiaridade: ninguém odeia ninguém, e todos se amam uns aos outros. O principal vértice deste triângulo, a senhora Oyu, é descrita por Dario Tommasi como alguém que "representa a tradição, mas nem por isso renuncia à lógica do desejo". [Cinemateca Portuguesa]



#### **Contos da Lua Vaga** (*Ugetsu Monogatari*, Japão, 1953)

"Ugetsu Monogatari" não é só o mais célebre título da obra de Mizoguchi, mas provavelmente também o mais complexo e o preferido de inúmeros cinéfilos, sejam eles "mizoguchianos" ou não. Uma extraordinária experiência narrativa, que mistura um clássico da literatura japonesa, lendas chinesas e ainda umas pitadas de Maupassant (sem falar no teatro tradicional japonês), para criar um universo fantástico (inclusive em termos visuais) onde tempo e espaço se dissolvem e se transformam numa "coisa mental". **Festival de Veneza – Leão de Prata e Prémio Pasinetti** [Cinemateca Portuguesa]



#### **Festa em Gion** (*Gion Bayashi*, Japão, 1953)

Depois de uma série de filmes de época, Mizoguchi voltava aqui à representação do Japão contemporâneo, num filme que pode ser aproximado de "Gion no Shimai", de 1936. Argumento de Yoshikata Yoda com base num romance de Matsutaro Kawaguchi (amigo de infância de Mizoguchi), para um filme que o Japão acolheu com muita frieza, mas que é um dos cumes da arte de Mizoguchi, de uma pasmosa crueldade e secura. [Cinemateca Portuguesa]



***A Mulher de Quem se Fala* (Uwasa No Onna, Japão, 1954)**

Para Dario Tommasi, o tema central de "Uwasa no Onna" é "a formação de um par feminino que através da solidariedade mútua tenta resistir ou simplesmente sobreviver num mundo injusto e opressivo". Apesar disso, é um dos filmes mais pessimistas de Mizoguchi, com um final que exprime a renúncia das personagens e o triunfo de um mundo cujas leis são sempre mais fortes que os indivíduos. [Cinemateca Portuguesa]



***O Intendente Sansho* (Sansho Dayu, Japão, 1954)**

A história de "Sansho Dayu" baseia-se numa velha lenda japonesa, contada de diversas maneiras (da literatura às canções populares) a partir do século XVI. O filme de Mizoguchi baseia-se na versão dessa lenda escrita pelo romancista Ogai Mori, em 1915. O argumentista Yoshikata Yoda explicou que a intenção era "elevar uma lenda popular ao nível de um drama social", o que Mizoguchi conseguiu elevando à elipse suprema uma e outra dessas origens. Um conto de fadas como origem da tragédia. Um dos filmes mais densos e misteriosos de Mizoguchi. **Festival de Veneza – Leão de Prata, Melhor Realizador** [Cinemateca Portuguesa]



***Os Amantes Crucificados* (Chikamatsu Monogatari, Japão, 1954)**

Uma incursão de Mizoguchi pelo Japão ancestral, com uma história de amor adúltero que termina com os amantes crucificados. Como habitualmente em Mizoguchi, a temática social (a repressão imposta pela tradição e pelos costumes) volve-se em metafísica (a morte como derradeira comunhão entre os amantes), numa das obras-primas absolutas do cineasta japonês. Um dos vértices supremos da grande herança trágica de que este filme se postula como um dos mais universais e mais absolutos herdeiros. [Cinemateca Portuguesa]



***A Imperatriz Yang Kwei Fei* (Yokichi, Japão, 1955)**

Adaptação de uma história chinesa situada no século IX, é um dos mais célebres títulos de Mizoguchi e o seu primeiro filme a cores. E essas cores são fabulosas, num filme em que Machiko Kyo dá corpo a um genial retrato feminino, sobre um shakespeariano fundo de lutas de poder e intrigas políticas. Um assombro. [Cinemateca Portuguesa]



***A Rua da Vergonha* (Akasen Chitai, Japão, 1955)**

A vida de cinco prostitutas que trabalham num bordel na famosa e histórica zona de prostituição de Tóquio, Yoshiwara, e a forma como os seus sonhos e ambições são constantemente destruídos pela realidade social e económica que as rodeia. **Festival de Veneza – Menção Especial** [Cinemateca Portuguesa]



## 02.01.02 – EISENSTEIN, da Propaganda à Alegoria

Serguei Eisenstein é “o” cineasta da revolução soviética e, no imaginário colectivo, as imagens dos seus filmes sobrepõem-se às fotografias de arquivo. As duas experiências essenciais à sua formação são a leitura de Freud e o facto de ter conhecido Meyerhold. Apaixonado pela arte, participa nos movimentos de vanguarda, desenha cenários e faz as primeiras encenações teatrais nos anos 20. Ao passar para o Cinema, a sua ambição é educar as massas através do filme, criar a psicologia colectiva do “homem novo”. A montagem está no âmago da sua escrita cinematográfica. A última sequência do seu primeiro filme, **A Greve**, sobre a revolução fracassada de 1905, mostra, em paralelo, um massacre de bovinos e os operários a serem mortos pela polícia. Um ano depois, realiza **O Couraçado Potemkin**, um enorme êxito internacional que continua a ser um clássico absoluto da sétima arte. Em 1929, para os Estados Unidos e filma **Que Viva México!**, uma história do México desde os primeiros deuses de pedra. O seu regresso à URSS estalinista dos anos 30 é doloroso; só pode exercer a sua arte sob pressão do comando e da censura. Os seus dois últimos filmes são alegorias inspiradas na história da Rússia: do Príncipe Nevsky sobre os cavaleiros teutónicos do século XIII; **Ivan, o Terrível**, em que o czar é a metáfora de Estaline, é um hino à nação russa então em guerra e, acima de tudo, ao seu líder. Eisenstein foi comunista? Talvez mais um marxista sincero, no sentido em que acreditava na infinita vivacidade do povo.

*Stéphane Bouquet, ex-redactor dos Cahiers du Cinéma*

### **O Couraçado Potemkine** (*Bronenosets Potyomkin*, URSS, 1925)

Na primeira metade dos anos 20, a União Soviética conheceu um extraordinário florescimento artístico, em todos os domínios, com obras duplamente de vanguarda: do ponto de vista formal e do ponto de vista político. O Couraçado Potemkine é, sem dúvida, a mais célebre destas obras. Pondo em prática as suas teorias sobre a montagem, elemento fundamental em todo o cinema de vanguarda, Eisenstein fez deste filme de encomenda sobre a Revolução de 1905 um momento absolutamente electrizante de cinema. Dividido em duas partes, uma no couraçado que dá ao filme o seu título, com o motim dos marinheiros, transparente metáfora da revolução, e a segunda no porto de Odessa, com a célebre sequência do massacre na escadaria, O Couraçado Potemkine permanece um momento genial na história do cinema.



### **Outubro** (*Oktyabr*, URSS, 1928)

Feito para comemorar o décimo aniversário da Revolução de Outubro, "Oktyabr" é a última experiência vanguardista, dentro do espírito da FEKS, de Eisenstein, que leva ao limite as potencialidades criativas da "montagem de atracções" e do "cinema metafórico" (a estátua de Alexandre III que se "reconstrói", a ponte do Neva que se abre com o cavalo morto, Kerenski e os bustos de Napoleão, etc.). A encenação da tomada do Palácio de Inverno é de tal modo perfeita que se tornou imagem "real" em documentos sobre a Revolução. [Cinematheca Portuguesa]



**Alexandre Nevsky** (*Alexandre Nevsky*, URSS, 1938)

Rússia, primeira metade do século XIII. O país é invadido e saqueado. Finalmente, o deprimido e instável príncipe Alexandre Yaroslavich Nevsky é chamado para liderar o seu povo na luta contra os opressores.



**Ivan, O Terrível - Parte I** (*Ivan Grozny I*, URSS, 1945)

Século XVI. Ivan IV, arquiduque de Moscovo, assume o poder na Rússia declarando-se Czar. Casa-se com Anastasia e planeia desde logo ataques para retomar os territórios perdidos. Durante a primeira parte do seu reinado, enfrenta a traição por parte da aristocracia, ao mesmo tempo que procura unir o povo russo.

Nova colaboração entre Eisenstein e Prokofiev depois de "Alexandre Nevski", o centro de "Ivan Grozny" é a luta pelo poder (e a sua mais difícil manutenção) por Ivan IV, unificador da Rússia. Prémio Lenine, a primeira parte, a segunda seria proibida, entendida como foi como um retrato de Estaline, o que provocou a queda em desgraça de Eisenstein. [Cinemateca Portuguesa]



**Ivan, O Terrível - Parte II** (*Ivan Grozny II: Boyarsky zagovor*, URSS, 1958)

Após a morte de Anastasia, Ivan encontra-se sozinho na luta pela unificação da Rússia. Ao mesmo tempo que procura expulsar os invasores, o czar tenta ainda escapar das constantes tentativas de assassinato levadas a cabo pelos seus inimigos.

Nova colaboração entre Eisenstein e Prokofiev depois de "Alexandre Nevski", o centro de "Ivan Grozny" é a luta pelo poder (e a sua mais difícil manutenção) por Ivan IV, unificador da Rússia. Prémio Lenine, a primeira parte, a segunda seria proibida, entendida como foi como um retrato de Estaline, o que provocou a queda em desgraça de Eisenstein. [Cinemateca Portuguesa]



### 02.01.03 – TATI integral no Verão

Exibição pela primeira vez das duas últimas longas de Jacques Tati – *Parade* e *Trafic* - e reposição das restantes, em sala ou em sessões ao ar livre. No Verão de 2018.

#### *Há Festa na Aldeia* de Jacques Tati

*Jour de Fête* (França, 1949, 80 min) Numa pequena aldeia do centro de França é dia de festa: os feirantes chegam à praça com as suas rouletes, carroças, carros, cestas, carrocéis, lotarias, fanfarras. Instala-se um cinema ambulante. É ocasião para os aldeões descobrirem um documentário sobre as proezas dos correios na América. Ridicularizado por toda a aldeia, François, o carteiro, decide aprender a executar o seu trabalho "à americana".



#### *As Férias do Sr. Hulot* de Jacques Tati

*Les Vacances de Monsieur Hulot* (França, 1953, 80 min) Hôtel de la Plage, costa atlântica, Verão: as pessoas pousam as malas calmamente. Ao longe, o som incomodativo de um carro ruidoso. Ao volante, um veraneante pouco comum. É o senhor Hulot, que empurra a porta do hotel e provoca logo uma enorme corrente de ar. É a desordem total durante a estação balnear: ténis coreográfico, um barco de pesca partido. O Sr. Hulot, para gáudio das crianças, semeia involuntariamente o terror nesta pequena sociedade de veraneantes demasiado sérios. **Festival Cannes - Prémio da Crítica Internacional**



#### *O Meu Tio* de Jacques Tati

*Mon Oncle* (França, 1958, 111 min) O senhor e a senhora Arpel têm uma casa moderna num quarteirão asséptico. Eles têm tudo, conseguiram tudo, na casa deles é tudo novo: o jardim é novo, a casa é nova, os livros são novos. Neste universo tão confortável, tão "clean", tão "high-tech", tão bem programado, o humor, os jogos e a sorte não têm lugar. E o filho Gérard aborrece-se de morte. É então que irrompe na sua vida o irmão da senhora Arpel, o tio, o Sr. Hulot (Jacques Tati). Personagem inadaptada, habituada ao seu mundo caloroso, vai, para delírio do sobrinho, virar tudo de pernas para o ar. **Festival de Cannes 1958 - Prémio Especial do Júri; Oscars 1959 – Melhor Filme Estrangeiro**



#### *Playtime – Vida Moderna* de Jacques Tati

*Playtime* (França, 1967, 120 min) Na era das "Economic Air Lines", umas turistas americanas efectuam uma viagem organizada. O programa é composto pela visita de uma capital por dia. Quando chegam a Paris, apercebem-se que o aeroporto é exactamente igual àquele de onde partiram de Roma, que as ruas são como as de Hamburgo e que os candeeiros de rua se parecem estranhamente aos de Nova Iorque. Ao longo das 24 horas que dura a sua escala em Paris, as turistas conhecem alguns franceses - entre os quais o Sr. Hulot (Jacques Tati) - com quem estabelecem uma relação mais pessoal. "Playtime", um ensaio sobre a vida moderna que ainda hoje continua extremamente actual, é a obra mais visionária e ambiciosa de Tati, o cineasta imortalizado pelo Sr. Hulot. Por ocasião dos 20 anos da sua morte, o Festival de Cannes prestou-lhe homenagem exibindo uma cópia cuidadosamente restaurada deste filme.



### **Sim, Sr. Hulot** de Jacques Tati

**Trafic** (França, 1967, 95 min) A sociedade automobilística francesa Altra quer fazer-se vingar no salão Automóvel de Amesterdão com um protótipo engenhoso de caravana desenhado pelo Sr. Hulot. Este irá acompanhar, juntamente com Maria, a jovem e mimada relações públicas da empresa, o camião onde o protótipo seguirá até Amesterdão. Nesta viagem irão surgir uma série de peripécias que atrasarão a chegada e mudarão a postura de Maria para com os que a rodeiam.

**National Board of Review 1973 – Melhor Filme Estrangeiro**



### **Parade** de Jacques Tati

**Parade** (França, 1974, 90 min) Ao longo de “Parade”, adultos e jovens formam uma massa entusiástica, unida pelo espectáculo à sua frente. Desde o início, duas crianças demonstram, através de trocas de olhar, a alegria de estarem juntos. O público participa directamente no espectáculo de circo e music-hall enquanto Tati, o mestre de cerimónias, dirige e anima esta representação. Filmado em vídeo e transposto para película. “Parade” veio a ser o último filme de Tati, “o maior cómico francês desde Max Linder”, na opinião de um ilustre crítico. Neste filme crepuscular, Tati abandona a sua personagem de Monsieur Hulot, porque “no circo, todos são Hulot, todos entram na dimensão mágica, lúdica, da vida” (José Navarro de Andrade). [Cinemateca Portuguesa]



## **O humor entre a regra e a excepção**

*João Lopes, DN de 12 de Agosto*

(...) Em 1958, ano de lançamento do seu filme de maior impacto internacional, **O Meu Tio**, Jacques Tati deu uma entrevista a André Bazin e François Truffaut para os *Cahiers du Cinéma* (nº 83, Maio). Especialmente importante era o modo como explicava que, desde o princípio, tentara demarcar-se de toda uma tradição de comédia ligada ao circo e ao “music-hall”.

Lembrava ele que a personagem cómica tradicional se distingue, desde logo, pela diferença que anuncia: é alguém que se apresenta como especialista em explorar uma certa atitude circense, dançando, fazendo acrobacias, contando histórias divertidas... Ora, o efeito cómico pode nascer, não da excepção, mas da regra. Como dizia Tati, “não é necessário ser uma grande personagem de comédia para que nos aconteça uma situação cómica”.

Na prática, isto significa que Tati, nomeadamente através do emblemático Sr. Hulot, se impôs, não pela sua diferença (social, simbólica, etc.), mas, ironicamente, através de uma certa indiferença. Afinal de contas, por exemplo em **O Meu Tio**, ele é apenas o tio que gosta de visitar o sobrinho para partilhar alguns momentos de carinho e diversão.

Através da sua condição de “cidadão com os outros”, Tati acabou por construir uma visão metódica das transformações da sociedade francesa, desde a nostalgia burlesca de uma certa ruralidade, obviamente consagrada em **Há Festa na Aldeia** (1949), até à visão delirante do mundo automóvel, em **Sim, Sr. Hulot** (1971), passando, claro, pela apoteose urbana de **Playtime** (1967).

A possibilidade de revermos agora a obra de Tati (incluindo as curtas-metragens!) envolve algo mais do que o reencontro com um dos génios da história do cinema francês. Através dele, poderemos partilhar a sofisticada inteligência de um retrato da vida social em que, muitas vezes, o indivíduo se descobre apagado pela pressão dos valores colectivos. Por alguma razão, os cineastas da Nova Vaga, também eles apostados em criticar as ilusões da “sociedade de consumo”, viram em Tati a marca de um mestre.

## 02.02 – Programação Semanal de Cinema de Autor

A Direcção do *Cineclube de Joane* concretizou em Janeiro de 2002 um dos objectivos a que se propôs desde a sua fundação em Setembro de 1998: a programação semanal de filmes, após a consolidação das sessões quinzenais no ano anterior. O critério de escolha das películas será o que adoptamos desde o início: o *Cinema de Autor*. Reforçamos a opinião de que existem muitas salas, cada vez mais em *Multiplex* dos centros comerciais e afastadas do contexto urbano, sendo que já existem vários distritos em Portugal sem exibição comercial de cinema, mas poucas propostas (os filmes exibidos são sempre os mesmos, embora espalhados pelas salas referidas acima). Iremos de encontro a outras cinematografias. **Propomos, então, uma programação com identidade, privilegiando o cinema de autor, procurando propostas que possam falar com o público: vamos continuar a mostrar *Todo o Cinema do Mundo*, incluindo o que está “escondido” do público, que merece mais visibilidade, promoção e discussão.**

Durante o ano de 2017, foram programadas sessões semanais (**ver retrospectiva 01.02**), com uma consolidação do número de espectadores denotada principalmente desde a mudança, em Março de 2002, para a *Casa das Artes de V. N. de Famalicão*, o que nos motiva, uma vez que houve um progressivo reforço na identidade da programação proposta. Pretende-se uma implantação crescente na cidade e no concelho de V. N. de Famalicão por forma a levar o Cineclube, e os seus filmes, a um maior número de público(s).

Pretende-se, para o ano 2018, **quando iremos cumprir 20 anos de actividade**, continuar a fomentar nas pessoas o hábito de frequentar o *Cineclube de Joane* semanalmente.

**Sabemos do declínio que as salas de cinema atravessam, com a crescente diminuição do número de espectadores. Relativamente a esta questão temos adoptado uma posição pedagógica, uma vez que as causas do problema estão determinadas: o uso crescente do *dvd*, a disponibilização de filmes em inúmeras plataformas (de televisão e outras). Portanto, é necessário esclarecer os espectadores relativamente às diferenças entre uma sessão numa sala de cinema e uma sessão doméstica com o recurso às demais plataformas (por vezes com versões de péssima qualidade das obras), de forma a valorizar a incontornável importância do Cinema no espaço público, da sua componente social e na transmissão de memória entre gerações.**

A estas dificuldades continuaremos a responder com inovação, sem limitar o projecto à exibição de filmes, tentando alargar o número de propostas a apresentar, angariando apoios em diversas áreas, por forma a constituir algo de singular. Continuaremos a privilegiar o Cinema Português para a programação regular e exibiremos, também, documentários e animação. Tal como em 2017, as sessões regulares serão complementadas com a rubrica ***Já Não Há Cinéfilos?!*** (ver **02.04**) e a ***Rede de Exibição Alternativa*** (ver **02.03**) promovida pelo Instituto do Cinema e do Audiovisual (I.C.A.).

**Proseguiremos com a rubrica *Traz Outro Amigo Também*. Mensalmente, seleccionaremos um dos filmes em que um associado poderá trazer um amigo que, por esse facto, terá entrada livre na sessão em causa. É mais um modo de disseminar a actividade do Cineclube, aproximando-nos do público.**

Para as primeiras semanas de 2017, dispomos de uma lista de filmes a exhibir, designadamente:

- ❑ **CÃES ERRANTES** de *Tsai Ming-liang*
- ❑ **LUCKY** (na foto) de *John Carroll Lynch*;
- ❑ **WIENER-DOG - UMA VIDA DE CÃO** de *Todd Solondz*;
- ❑ **UMA MULHER FANTÁSTICA** de *Sebastián Lelio*;
- ❑ **O DIA SEGUINTE** de *Hong Sangsoo*



### 02.03 – Rede de Exibição Alternativa (REA) / I.C.A.

O *Cineclube de Joane*, conjuntamente com o *Instituto do Cinema e do Audiovisual* (I.C.A.) e os Cineclubes de Amarante, Fafe e Guimarães, firmou um protocolo válido para 2002 que permitiu a exibição de 25 filmes por cada um dos cineclubes, privilegiando o Cinema Português e da União Europeia. Esta Rede Alternativa de Exibição Cinematográfica, permitiu que o *Cineclube de Joane* pudesse assumir sessões com uma periodicidade semanal (ver item anterior). Nesse protocolo concretizou-se além da exibição dos filmes, a publicação de um boletim mensal, elaborado pelos quatro cineclubes e a edição de uma brochura no final de 2002 para assinalar esta iniciativa.

Nos anos seguintes (2003 a 2017), o *Cineclube de Joane* firmou protocolos anuais ou bianuais com o I.C.A. para a exibição de mais de 30 filmes por ano, produzidos por países da União Europeia e por países Ibero-americanos, iniciativa que revelou um crescente interesse da parte do público, pelo cinema oriundo das referidas nacionalidades, e que foi, convém dizê-lo, uma das apostas da Direcção do *Cineclube de Joane* desde a primeira hora. Esta REA permite a promoção de filmes de produção portuguesa e de géneros mais singulares, e que desde sempre nos interessaram, como seja o documentário. A regulamentação da REA (desde 2008), permitiu também a programação de uma parte de filmes de outras nacionalidades e, por isso, demos uma particular atenção às reposições (clássicos) e ao cinema asiático, como é possível constatar nas retrospectivas que apresentamos em anos anteriores, assim como nos filmes que indicamos abaixo e que iremos exhibir em breve.

**Este programa foi descontinuado durante o ano de 2012, tendo sido, atendendo à posterior aprovação da Lei do Cinema e respetivos regulamentos, reaberto em 2013, sendo necessário dotá-lo de uma maior estabilidade e previsibilidade, sendo que o programa passou a desenrolar-se com uma periodicidade bianual o que poderá permitir que as estruturas programadoras se libertem de uma permanente precaridade; a renovação desse programa ou outro de características similares, é um instrumento crucial para o equilíbrio financeiro do *Cineclube de Joane*, uma vez que permite promover de forma adequada as cinematografias produzidas na União Europeia e nos países Ibero-americanos, e de uma forma particular os filmes produzidos em Portugal.**

A Direcção do *Cineclube de Joane* elaborou uma lista de filmes a exhibir, no início de 2017, no âmbito desta REA, designadamente:

- ❑ **120 BATIMENTOS POR MINUTO** (ver foto)  
de **Robin Campillo**;
- ❑ **O FUTEBOL** de **Sérgio Oksman**;
- ❑ **VISAGES, VILLAGES** de **Agnès Varda**;
- ❑ **SONHOS COR DE ROSA** de **Marco Bellhocchio**;
- ❑ **O EXAME** de **Cristian Mungiu**



## 02.04 – Já Não Há Cinéfilos?! (1) \_ MIZOGUCHI / EISENSTEIN / ANTONIONI

Esta rubrica pretende traduzir-se num complemento às sessões semanais, empreendendo um percurso pela história do Cinema, homenageando os seus maiores autores, os iconoclastas.

O título da rubrica – *Já Não Há Cinéfilos?!* – representa um desafio aos nossos associados e demais frequentadores das sessões promovidas pelo *Cineclube de Joane*. Vivemos tempos em que o imediatismo impera e a memória parece sucumbir e deixar de ter a relevância que, na nossa opinião, deveria conservar.

Ao longo destes quase 20 anos de existência, o *Cineclube de Joane* tem programado, em película ou em versões digitais restauradas, todas as reposições relevantes, das quais podemos destacar algumas: **O Grande Ditador** de Chaplin; **Sentimento** de Visconti; **Índia Song** de Marguerite Duras; **Aurora** de Murnau; **Amarcord** de Fellini; **Casamento Escandaloso** de Cukor; **A Sede do Mal** de Welles; **Uma Mulher Sob Influência** de Cassavetes; **Vertigo** de Hitchcock; **O Acochado** de Godard; **Deus Sabe Quanto Amei** de Minnelli; **Playtime** de Tati; **Imitação da Vida** de Sirk, **Suspiria** de Dario Argento.

Nas sessões referidas acima, e outras da mesma índole, duplicamos a promoção, arrastamos os nossos amigos, familiares, conhecidos e desconhecidos (!), por entendermos que são obras de visionamento fundamental e por serem filmes, que do ponto de vista do programador, se traduzem num gozo especial.

Será possível, com recurso a novas cópias digitais, aproveitando o crescente interesse da distribuição portuguesa nestas propostas, encontrar todos os autores incontornáveis, conhecer os géneros (melodrama, policial, musical, western...), desde o cinema americano clássico, passando pelo cinema de cariz mais independente e pessoal e, claro, pelos grandes autores, e movimentos, do cinema europeu e asiático. Nestas sessões, por forma a reforçar a componente formativa, um dos objectivos pretendidos com a rubrica, serão distribuídos textos de apoio sobre a obra do realizador.

A programação desta rubrica integrará em 2018 os seguintes realizadores:

❑ **Kenji MIZOGUCHI** \_ Tragédias na Idade de Ouro do Cinema Japonês (ver 02.01.01).

❑ **Serguei EISENSTEIN** \_ da Propaganda à Alegoria (ver 02.01.02);

❑ **Michelangelo ANTONIONI** \_ Vida Moderna (em preparação, ver foto);



A Direcção do Cineclube de Joane, desafia todos os seus associados, e demais frequentadores das nossas sessões, a rebater o título desta rubrica por forma a afirmar que sim, ainda há interessados em (re)descobrir os autores, aqueles que fizeram a diferença e que nos obrigam a amar o Cinema.

(1) O cinéfilo por Eduardo Prado Coelho [De O Fim da Cinefilia, in Crónicas no Fio do Horizonte]

“Quem eram os *cinéfilos*? Segundo um dos maiores críticos da história do cinema, Serge Daney, eram gente que gostava de se apresentar do seguinte modo: nós somos filhos do cinema (ciné-fils). Isto é, nós vemos o mundo através do modo como o cinema vê o mundo, porque essa é a melhor forma de tremer face ao medo, de olhar uma árvore ao fim do dia, de cantar numa praia nocturna a sonhar com o tesouro dos piratas ou de tocar os cabelos de uma mulher. E por isso consideramos os filmes não apenas como arte, e elementos centrais de uma história da cultura dos homens, mas também como objectos íntimos, segredos que se passam de mão em mão, rebuçados, fetiches, berlines, abóbadas de cristal onde a neve cai silenciosamente.”

## 02.05 – AUTOR AUTOR

### 02.05.01 – Jacques DEMY

#### Os Chapéus-de-Chuva de Cherburgo (1964): O musical que ganhou a Palma de Ouro

João Lopes, DN

(...) este filme permite-nos redescobrir as singularidades narrativas, afetivas e simbólicas de Jacques Demy (1931-1990), autor sempre "esquecido" quando organizamos as nossas memórias da Nova Vaga francesa...Ironicamente, foi o único título da Nova Vaga que arrebatou uma Palma de Ouro em Cannes (1964), desse modo consagrando também Catherine Deneuve com o estatuto de estrela. Contracenando com Nino Castelnuovo, Deneuve interpreta uma desencantada variação sobre as matrizes clássicas do melodrama, num registo de "diálogos cantados" cuja lógica remete para a tradição da ópera. Ponto obviamente fundamental deste filme (e de quase toda a obra de Demy): a presença decisiva da música de Michel Legrand.



#### As Donzelas de Rochefort (1966): O musical que ganhou a Palma de Ouro

Inês Lourenço, DN

Apetece dizer que é o musical dos musicais. Pela cor. Pela energia. Pela abundância. Pelo encanto. Enfim, pela música de Michel Legrand, e as irmãs Catherine Deneuve e Françoise Dorléac (esta que tragicamente faleceu três meses depois da estreia). As Donzelas de Rochefort (1967) não só é a mais esplendorosa homenagem feita ao musical americano, com a presença especial de Gene Kelly e George Chakiris (intérprete de West Side Story), como a mais feliz expressão da procura do amor. Aqui, a música não é um complemento dramático, mas a magia que faz girar a roda da felicidade, e que gera os diálogos. Cada sequência é uma coreografia de vida, e o olhar de Jacques Demy não tem limites: quis a perfeição. E teve.



### 02.05.02 – Edgar REITZ – Heimat - Crónica de uma Nostalgia (parte 1 + parte 2)

#### Uma Alemanha a preto e branco

João Lopes, Cinemax

Edgar Reitz prossegue o seu monumental e fascinante projecto de revisitação da história da Alemanha: em "Heimat - Crónica de uma Nostalgia", segue os passos de uma família rural, em meados do séc. XIX. É uma pena, de facto: a produção cinematográfica alemã — até pelas muitas ligações que mantém com outros países europeus — é uma das grandes forças do cinema europeu, mas continua a ter uma presença discreta no mercado português. Quanto mais não seja por isso, a estreia do filme de Edgar Reitz, "Heimat - Crónica de uma Nostalgia" (primeira parte, 2 Outubro; segunda parte, 9 Outubro), constitui um especialíssimo acontecimento.



Reitz nasceu em 1932, o que quer dizer que pertence a uma geração — anterior à de cineastas como Rainer Werner Fassbinder (1945-1982) ou Wim Wenders (n. 1945) — cujo património de memórias é inseparável da vivência directa da Segunda Guerra Mundial. Assim, ele é autor da monumental série televisiva "Heimat" que, desde 1984, num conjunto de 32 episódios, totalizando cerca de 53 horas, traçou a saga de uma família alemã através das convulsões do séc. XX.

"Heimat - Crónica de uma Nostalgia" é um prolongamento desse projecto, propondo um significativo recuo temporal — trata-se de visitar a família Simon, mas agora em meados do séc. XIX, numa ambiente rural em que as condições de pobreza levam muitos habitantes a procurar melhores condições de vida, algures em lugares da América do Sul. Motor dessa vontade é a personagem de Jakob (Jan Dieter Schneider), um jovem que, através das suas leituras, imagina a possibilidade de encontrar um "paraíso perdido"...

Filmado em belíssimas imagens a preto e branco, "Heimat - Crónica de uma Nostalgia" apresenta, de vez em quando, breves momentos a cores, como se o seu realismo austero fosse contaminado pelos desejos mais secretos de quem vive (ou filma) os acontecimentos. Estamos, de novo, perante um objecto eminentemente cinematográfico, mas que aceita uma lógica de organização com claras componentes televisivas — a provar que as relações cinema/televisão não têm de existir submetidas aos formatos mais rotineiros e repetitivos.

## 02.06 – o Cinema Português em debate

O Cinema ao serviço de algo, ou vice versa. O *Cineclube de Joane* pretende ir mais além da mera projecção de filmes. Recuperar o gosto de discutir um filme. A ideia, que não é inédita, se arriscada, considerando as reservas do público para a discussão, é aliciante. Pretende-se escolher um filme que, pela sua temática, possa suscitar uma discussão entre o público: política, justiça, direitos humanos, racismo, ambiente.

Temos promovido, ao longo destes últimos anos, vários debates, e também em 2017 como se pode consultar na retrospectiva (01.01.03, p.16), e sempre que a obra programada suscite assunto que promova a discussão e a troca de ideias, promoveremos debates após a realização das sessões.

Sempre que possível, continuaremos a convidar realizadores e outras personalidades ligadas à produção cinematográfica, para debates em torno dos seus filmes.

Como forma de aprofundar a relação com o Cinema Português e os seus autores prosseguiremos a realização de debates e *masterclasses*, depois das que concretizamos com PEDRO SENA NUNES, JOÃO CANIJO, MANUEL MOZOS, MARCELO FÉLIX, JOAQUIM SAPINHO, JOÃO BOTELHO, ISABEL RUTH, EDGAR PÊRA, DIOGO COSTA AMARANTE entre outros. Trata-se de uma forma de promover o nosso Cinema, de fomentar uma maior afinidade entre os espectadores e os realizadores dos filmes. Esta iniciativa tem como alvo os nossos associados que tenham interesse em determinada vertente, mas também, e em número relevante, estudantes das Escolas de Cinema e Vídeo, além de outras pessoas ligadas às diferentes componentes técnicas relativas à produção e exibição de filmes.

Paralelamente, numa rubrica denominada *Os Cineastas Também Programam*, proporemos aos realizadores convidados a escolha de uma ou mais obras que terão influenciado a sua filmografia e o filme concreto que estarão a apresentar.

Para 2018, temos previsto a programação de um conjunto de obras portuguesas que poderão resultar em relações mais efectivas com a obra programada, das formas designadas no parágrafo anterior, nomeadamente:

- *Verão Danado* de Pedro Cabeleira  
(na foto);
- *Silêncios do Olhar* de José Nascimento;
- *Ramiro* de Manuel Mozos;
- *Diário das Beiras* de João Canijo;
- *Estive em Lisboa e Lembrei de Você*  
de Jose Barahona



## 02.07 – 20 ANOS A DAR A VER CINEMA: 20 ANOS DE PARCERIAS

Em Setembro de 2018, o Cineclube de Joane completará 20 anos de actividade ininterrupta e intensa. Neste historial de trabalho atribuímos um lugar especial às relações com entidades diversas, dentro do concelho de Vila Nova de Famalicão e fora dele, que atribuíram às nossas sucessivas programações uma escala regional e nacional.

Celebraremos este número redondo com um elogio às inúmeras parcerias que materializamos e que procuraremos reiterar com especial intensidade no próximo ano:

- Os parceiros institucionais privilegiados continuarão a ser o **Município de Vila Nova de Famalicão**, com protocolos anuais desde 1999 (apoio essencial às sessões regulares e ao projecto itinerante de cinema ao ar livre - Cinema Paraíso) e o **Instituto do Cinema e do Audiovisual**, através da Rede de Exibição Alternativa, existente desde 2002;
- A **Casa das Artes de Famalicão** constitui a base na qual assentamos a maioria da nossa actividade desde 2002, de periodicidade semanal, incluindo sessões especiais dispostas em ciclo;
- Em ano de aniversário procuraremos voltar ao **Centro Cultural de Joane**, gerido pela **Associação Teatro Construção**, para uma programação especial naquela que foi a nossa primeira sala, de Setembro de 1998 até às primeiras semanas de 2002;
- Reeditaremos parcerias com os Festivais de Cinema de referência do nosso país: com o **Cinanima**, a mostrar animação em Espinho desde 1970; com o **IndieLisboa**, palco de descoberta de novos autores e tendências do cinema mundial desde 2004; com o **DocLisboa**, onde desde 2002 o documentário é assunto;
- Em anos anteriores colaboramos com dois institutos que disponibilizam obras de duas importantes cinematografias, a alemã e a francesa, pelo que se procurará novas colaborações com o **Goethe Institut** e o **Instituto Francês**;
- Procuraremos reeditar colaborações com entidades e exibidores de dentro do concelho – **Biblioteca Municipal de Camilo Castelo Branco**, **Centro de Estudos Camilianos** e **Fundações Cupertino Miranda** – e fora dele – **Casa do Professor de Braga**, **Universidade do Minho**, **Confederação** (Miragaia) e **Câmaras de Penafiel**;
- Em parceria com o **Close-up – Observatório de Cinema de Famalicão**, na relação e construção de propostas com Agrupamentos de Escola do concelho;
- Ao longo do nosso percurso, integramos programações em rede com outros **Cineclubes** (de **Amarante**, de **Fafe** e **Guimarães**), com a **Agência da Curta Metragem**, através do Dia Mais Curto e com a **Casa da Animação**, participando do Dia Mundial da Animação, algo em que em 2018/2019 nos voltaremos a associar.



## 02.08 – Cinema para as Escolas

É inquestionável o elevado potencial que o cinema possui enquanto veículo transmissor de conhecimento, valores e emoções, daí que faça cada vez mais sentido aproximar o cinema dos alunos em fase de formação, permitindo-lhes avistar novos horizontes, desmontar as linguagens do cinema e serem mais críticos e selectivos quanto às imagens em movimento que lhes são apresentadas. Ao longo do nosso percurso temos programado sessões para escolas, ora em sala, ora em âmbito escolar, como sejam as realizadas na Didáxis de Vale S. Cosme e na Secundária Bernardino Machado em Joane, ou a realização de uma extensão do DocLisboa direcionada aos alunos da Escola Secundária Camilo Castelo Branco, mas também em parceria com outros projectos, como por exemplo com o Mais Vale Prevenir, com a realização de sessões na Escola Nuno Simões (Calendário) e Escola Júlio Brandão (Famalicão).

Em Junho de 2012, foi publicada uma diretiva formulada como *Plano Nacional de Cinema*, integrada na revisão da *Lei do Cinema*, e que visava promover a literacia cinematográfica, aliada às recomendações do *Conselho Nacional da Educação* na utilização pedagógica dos meios audiovisuais. Procuraremos em articulação com o *Close-up – Observatório de Cinema de Vila Nova de Famalicão* (uma produção da Casa das Artes e do Município de Vila Nova de Famalicão, [www.closeup.pt](http://www.closeup.pt)), que assenta nas sessões para público escolar (de todos os escalões etários) uma das suas vertentes decisivas, executar um programa aplicado à escala concelhia, relevando a importância conferida pelo município de Famalicão à educação, com uma ligação estreita aos Agrupamentos de Escola, constituindo os professores como parceiros e protagonistas do projeto, pretendendo-se constituir propostas que, por um lado empreguem o Cinema como material didático (com ligação a disciplinas específicas) e, de modo complementar, lancem as primeiras sementes na descodificação da linguagem das imagens em movimento por parte dos alunos, deixando-lhes propostas que permitam o conhecimento da história do Cinema, do seu notório legado sociocultural, edificando uma antecâmara para se tornarem espectadores exigentes e formados. Esta proposta procurará intervalar as sessões em meio escolar com sessões em sala (na Casa das Artes de Famalicão), procurando uma relação evolutiva dos alunos na capacidade de interpretação das obras apresentadas e facultando elementos que enriqueçam a leitura dos filmes, contrariando a proliferação desregrada das imagens, e a sua conseqüente banalização, promovidas em especial pelos *media* e que encontram no público escolar um alvo preferencial. Um programa que tem a ambição de alcançar o público escolar do meio urbano, mas também de todas as realidades de um concelho vasto, atribuindo uma atenção particular aos estabelecimentos escolares com formação voltada para os audiovisuais.

No ano lectivo 2016/2017, o *Cineclube de Joane* programou em parceria com o *Agrupamento de Escolas de Gondifelos*, um conjunto de sessões que procurou chegar não só aos alunos, mas também à comunidade, sempre com a presença de convidados, para introduzir e comentar os filmes em conjunto com a plateia. Deixamos abaixo os filmes exibidos:

**A Esquiva** Abdellatif Kechiche  
**The Kid – O Garoto** de Charlie Chaplin  
**Ponyo à Beira Mar** de Hayao Miyazaki  
**O Tesouro do Barba Ruiva** de Fritz Lang  
**Pamplinas Maquinista** de Buster Keaton  
**O Feiticeiro de Oz** de Victor Fleming  
**Aniki Bobó** de Manoel de Oliveira  
**ET** de Steven Spielberg  
**O Estranho Mundo** de Jack de Tim Burton



## 02.09 – Cinema Paraíso

Chega o Verão, o tempo aquece e convida a uma sessão de cinema ao ar livre. Em Julho e Agosto de 2017, o *Cineclube de Joane* realizou, em parceria com a *Casa das Artes de Famalicão*, a 18.ª edição do *Cinema Paraíso*, preenchido com os melhores filmes do ano e voltados para o grande público, com sessões no **Parque da Devesa** em Famalicão (pelo quinto ano consecutivo, com uma afluência de público notável nas seis sessões realizadas, ver foto à esquerda), e nas freguesias de Pedome (ver foto à direita) e Vilarinho das Cambas, sempre com entrada livre para o público. A adesão em 2017 foi mais uma vez notória, com cerca de 4.000 espectadores contabilizados, e o *Cinema Paraíso* assumiu-se definitivamente como uma verdadeira atracção no Verão dos famalicenses.



**As quatro últimas edições contaram como principal parceiro a *Casa das Artes*, associada ao *Município de Vila Nova de Famalicão* e ao *Instituto do Cinema e do Audiovisual*.**

**Pretendemos em 2018 prosseguir com o *Cinema Paraíso* no Parque da Devesa**, que se revelou um óptimo local para a realização, com indiscutível sucesso, desta iniciativa. **Também se pretende continuar com a itinerância pelo concelho de Famalicão** (presente em mais de 25 freguesias e empreendimentos habitacionais ao longo das anteriores edições).

Deverão ser realizadas entre 9 e 12 sessões, distribuídas pelos meses de Julho e Agosto. Continuado com a ideia de conciliar as sessões do centro da cidade com o périplo pelo concelho, em cada edição do *Cinema Paraíso*, este ano pretendemos visitar algumas das freguesias que ainda não foram abrangidas pela iniciativa.

Esperamos conseguir, em 2018, divulgar massivamente a iniciativa, por forma a chegar ao maior número possível de famalicenses (e outros) por forma a concretizar a máxima que preside a esta iniciativa: levar o Cinema às populações.

## 02.10 – O Homem da Câmara de Filmar

O *Cineclube de Joane* tem vindo a desempenhar, desde o início da sua existência, um esforço no âmbito da criação cinematográfica de autor, repousando grande parte da sua programação numa esfera de divulgação e acompanhamento do trabalho de gentes do cinema.

**O Homem da Câmara de Filmar**, belíssimo e marcante filme de Dziga Vertov, emprestar-nos-á o seu título para encabeçar um projecto de divulgação de filmes que caracterizem, da forma mais fidedigna e interessante possível, a vida e obra de alguns dos artistas mais determinantes da História do Cinema.

Longe de ser uma mera divulgação dos “magnum opus” de certos realizadores, “O Homem da Câmara de Filmar” pretende atingir algo mais: traçar perfis característicos em obras do (e sobre o) artista e cruzá-las com alguns dos seus trabalhos; buscar, através do filme documental, a personalidade por detrás do artista e suportá-la com base no seu trabalho; pegar em obras actuais e tentar justificá-las à luz daquele ou daqueles que a terão inspirado, inclusive obras anteriores de artistas distintos.

Embora a atenção mais devida e mais sonante seja dada aos realizadores enquanto principais obreiros da criação cinematográfica (algo a que o título da rubrica faz jus), também é verdade que outras personalidades com diferentes papéis carecem de especial atenção em matéria de inspiração. É por isso que a Câmara de Filmar de que falamos não é aquele suporte físico que comanda a rotação, mas antes o olhar virtual que existe antes de se materializar.

Nesta primeira edição, contamos começar com um documentário sobre Roman Polanski intitulado **Polanski: Wanted and Desired**, permitindo o debruçar sobre a vida e obra do famoso realizador, e da forma como ambas facilmente se influenciam e determinam mutuamente.

Será, a nosso ver, um começo fulgurante!

Em registos paralelos, outros trabalhos são potenciais apostas já nesta primeira edição de 2018: **Caçador Branco**,

**Coração Negro** (*White Hunter, Black Heart*) com Clint Eastwood a realizar e a interpretar uma referência a John Huston e a uma das suas maiores obras, *The African Queen*; num registo próximo, **Directed by John Ford**, a visão de Peter Bogdanovich sobre [aquele que achamos ser] o maior autor clássico americano; e, **Dangerous Game**, obra reflexiva de Abel Ferrara próxima de *8 ½ de Fellini*, em que o cineasta italo-americano coloca Harvey Keitel, o protagonista de *Bad Lieutenant*, como sua projecção, num indiscernimento entre ficção e realidade, cenário e rua.

“O Homem da Câmara de Filmar” será uma rubrica estreante e inicialmente experimental, não se abstendo ainda assim de se debruçar sobre o carácter artístico que certamente marca a criação autoral que tanto primamos em preservar e divulgar.



## 02.11 – Página na Internet

Desde 2003 que o *Cineclube de Joane* beneficia de uma página *online* onde figuram todas as informações relativas à sua actividade e que poderão ser do interesse dos associados presentes, dos potenciais futuros membros e de demais espectadores. Esta possibilidade de consulta *online* dos projectos e intenções do *Cineclube de Joane* reveste-se de ainda maior importância se for tida em conta a disponibilização da informação em tempo real e a periódica actualização dos conteúdos do *website*.

À semelhança do página, o *Cineclube de Joane* também disponibiliza um endereço de correio electrónico, que usa para comunicação com os associados e com as entidades directamente ligadas à programação: [correio@cineclubejoane.org](mailto:correio@cineclubejoane.org)

O *website*, alojado em [www.cineclubejoane.org](http://www.cineclubejoane.org), tem como página inicial um destaque das notícias mais recentes do Cineclube, a par das devidas actualizações que eventualmente poderão constituir matéria relevante. Provido de um *interface* funcional e apelativo, o *website* é simultaneamente bastante intuitivo, estando a sua estrutura baseada em categorias claramente identificadas, nomeadamente:

- ❑ **Programação** – Uma barra lateral constantemente visível em toda a navegação do site para que a consulta dos elementos dos filmes a exibir no mês corrente seja de consulta fácil e rápida;
- ❑ **Quem Somos** - Contém uma breve descrição das actividades já desenvolvidas pelo *Cineclube de Joane*, desde a sua fundação até ao presente, com a enunciação de todo o historial relevante;
- ❑ **Contactos** – A informação relativa aos contactos do *Cineclube de Joane*;
- ❑ **Inscrições** - Aqui são apresentadas as condições para as inscrições de futuros associados;
- ❑ **Arquivo** – Um espaço onde se podem consultar as programações dos meses anteriores e uma coluna criada com o intuito de enunciar todos os filmes já exibidos pelo Cineclube, com as sessões devidamente datadas e historicamente organizadas.

Paralelamente, criamos uma página no **facebook**: <https://www.facebook.com/cineclubejoane> – onde se pretende estreitar ainda mais o relacionamento, e a interactividade, entre o *Cineclube de Joane*, os seus associados e demais espectadores das sessões que promovemos, pois sabemos quão importantes são as suas opiniões e pontos de vista no sentido de edificar melhor a estrutura do Cineclube. Esta página, na rede social mais utilizada por estes dias, tem-se traduzido num sucesso palpável e com tradução na participação das sessões por parte dos nossos *amigos*. A página contava, no início de Dezembro de 2017, com mais de 2400 amigos.

## 02.12 – Edição do Boletim Mensal

Em Fevereiro de 1999, foi editado o primeiro Boletim Mensal do *Cineclube de Joane*, sendo esta publicação enviada aos sócios no início de cada mês.

É mais uma iniciativa que comprova a diferença entre um Cineclube, neste caso o CCJ, e uma sala onde decorrem exhibições comerciais.

Em Setembro de 2003 (coincidindo com 5.º aniversário do *Cineclube de Joane*), editamos um boletim mensal com novo grafismo, assim como novos cartazes e “flyers”. Em 2004 melhoramos a qualidade do boletim mensal, através da impressão numa gráfica. Em breve, e para assinalar a passagem do nosso 20.º aniversário, pretendemos apresentar uma remodelação gráfica dos vários elementos usados na divulgação das nossas actividades, designadamente, o Boletim Mensal, o Cartaz e a página na Internet.

# Cineclube de Joane / PLANO DE ACTIVIDADES 2018

## 03 – ORÇAMENTO



- 02.01.01 **Mizoguchi, Tragédias na Idade de Ouro do Cinema Japonês**
  - 02.01.02 **Eisenstein, da Propaganda à Alegoria**
  - 02.01.03 **TATI integral no Verão**
- 02.02. **Programação Semanal de Cinema de Autor**
- 02.03. **Rede de Exibição Alternativa – R.E.A. / I.C.A.**
  - 02.04. **Já Não Há Cinéfilos?!**
  - 02.05. **Autor Autor: Jacques Demy / Edgar Reitz**
  - 02.06. **o Cinema Português em Debate**
- 02.07. **20 Anos a Dar a Ver Cinema: 20 Anos de Parcerias**
  - 02.08. **Cinema para as Escolas**
- 02.09. **Cinema Paraíso \_ sessões de cinema ao ar livre, uma itinerância por Famalicão**
  - 02.10. **O Homem da Câmara de Filmar**
  - 02.11. **Página na Internet**
  - 02.12. **Edição do Boletim Mensal**

| ACTIVIDADE  | DATA           | CUSTO / unidade | CUSTO / total       | RECEITA           | DIFERENCIAL         |
|---|----------------|-----------------|---------------------|-------------------|---------------------|
| <b>02.01</b> - Destaques - Ciclos   | Anual          | 500,00 €.       | 1 000,00 €.         | 280,00 €          | 720,00 €.           |
| <b>02.02</b> - Programação Semanal de Cinema de Autor (inclui Rede de Exibição Alternativa- <b>02.03</b> e Já Não Há Cinéfilos?! - <b>02.04</b> e Autor Autor- <b>02.05</b> ) | Anual          | 180,00 €.       | 7 920,00 €.         | 5 150,00 €        | 2 770,00 €.         |
| <b>02.06</b> - o Cinema Português em destaque   | Anual          | 115,00 €.       | 345,00 €.           | 0,00 €            | 345,00 €.           |
| <b>02.07</b> - 20 Anos a dar a ver Cinema: 20 anos de parcerias   | Anual          | 150,00 €.       | 1 800,00 €.         | 275,00 €          | 1 525,00 €.         |
| <b>02.08</b> - Cinema para as Escolas   | Anual          | 100,00 €.       | 200,00 €.           | 0,00 €.           | 200,00 €.           |
| <b>02.09</b> - Cinema Paraíso   | Julho / Agosto | 1 100,00 €.     | 11 000,00 €.        | 0,00 €            | 11 000,00 €.        |
| <b>02.11</b> - Página na internet (alojamento)  | Anual          |                 | 140,00 €.           | 0,00 €.           | 140,00 €.           |
| <b>02.12</b> - Edição do Boletim Mensal   | Anual          | 130,00 €.       | 1 300,00 €.         | 0,00 €.           | 1 300,00 €.         |
| <b>TOTAL</b>  |                |                 | <b>23 705,00 €.</b> | <b>5 705,00 €</b> | <b>18 000,00 €.</b> |

Nota: O diferencial verificado, resultado da subtração de montantes entre a despesa e a receita, deverá ser absorvido através da celebração de protocolos com entidades públicas, nomeadamente e a exemplo de anos anteriores:

1) **I.C.A. - Instituto do Cinema e do Audiovisual** - Participação na Rede de Exibição Alternativa

[Em 2017, o ICA atribuiu uma verba de cerca de 5.000 euros ao Cineclube de Joane]

2) **Câmara Municipal de V. N. de Famalicão** - Celebração de protocolo para a realização de Sessões Semanais e do Cinema Paraíso

[Em 2017, a CMVNF atribuiu uma verba de 13.000 euros ao Cineclube de Joane]

# Cineclube de Joane / PLANO DE ACTIVIDADES 2018

## ÍNDICE DE FOTOGRAFIAS



capa – *As Donzelas de Rochefort* de Jacques Demy

Índice – *Os Amantes Crucificados* de Kenji Mizoguchi

retrospectiva – *Sublime Expição* de Douglas Sirk

plano de actividades – *Trafic* de Jacques Tati

orçamento – *Ivan, o Terrível* de Serguei Eisenstein

índice de fotografias – *Contos da Lua Vaga* de Kenji Mizoguchi